

USOS DE ALGO: UMA APLICAÇÃO DA TEORIA DE BENVENISTE

Sônia Lichtenberg

RESUMO: *Ce travail est une étude sur les différents usages de algo. Ayant pour base les principes établis par Emile Benveniste, théoricien de l'énonciation, cette étude propose une méthodologie pour l'analyse des énoncés. À partir d'analyses qui s'orientent vers la recherche de relations syntactico-sémantiques réalisées par le locuteur pour l'attribution d'une référence à son attitude et à la situation, elle conclut que l'on ne peut toujours considérer le mot étudié, dans le contexte de la langue usuelle, comme indéfini, et que, dans chaque situation énonciative, ce mot possède un sens, référence unique à l'idée singulière exprimée par le locuteur.*

PALAVRAS-CHAVE: enunciação, enunciado, língua, língua em uso, referência, sujeito, situação enunciativa, relações sintático-semânticas.

INTRODUÇÃO

Este estudo visa à descrição de usos de *algo*. Apresenta análises de enunciados, objetivando apreender sentidos promovidos pelos locuto-

Sônia Lichtenberg foi aluna do PPG-Letras, UFRGS, tendo apresentado, em agosto de 2001, sob orientação do Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, a dissertação *Usos de Indefinidos do Português: uma abordagem enunciativa*, na qual este artigo baseia-se.

res a partir de relações sintático-semânticas que, no enunciado, se estabelecem. Considera, pois, *referência*, relevando, para tal, uma situação que inclui *pessoa, tempo e espaço*.

A descrição a que se propõe, tem por base pressupostos estabelecidos por Emile Benveniste, portanto faz-se necessário, anteriormente às análises, que *algo* – palavra tradicionalmente considerada como *indefinido* – seja situado nesta teoria.

ALGO: A PERSPECTIVA DA ENUNCIÇÃO

Algo, na língua, é signo; no uso, é palavra. Esta distinção se estabelece a partir da leitura de *A Forma e o Sentido na Linguagem*, texto no qual Benveniste apresenta as *duas maneiras de ser língua* – o âmbito *semiótico* e o âmbito *semântico* –, noção que é retomada em outros textos, porém já esboçada em *Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo* e *A Natureza dos Pronomes*, mediante a leitura dos quais se podem considerar os ditos *indefinidos* como correspondentes à *não-pessoa, o não importa quem ou não importa o que*.

Algo, na língua, tem significação relativa a *conceito*, à *noção geral*. A língua prevê signos *vazios*, os quais *da* e *pela* enunciação emergem – os chamados *indicadores de subjetividade* – e conceitos, entre os quais *algo*, que *na* e *pela* enunciação se atualizam. O fato de a língua ser apresentada como portadora de *virtualidades*, apenas *formas* e não *substância*, tal como Saussure a concebeu, permite que *algo* possa, em uma situação enunciativa, *referir*, desde que guardada, ainda que em parte, a significação que tem na língua. Da generalidade, em uma situação de uso, passa à especificidade; é *forma* que se materializa por meio de referência; é *idéia de* que adquire existência. Desta maneira, *língua* e *uso* apenas diferem teoricamente, pois o *uso* prevê a *língua*, e a *língua* é possibilidade de *uso*. *Algo*, o *não importa o que*, numa situação de discurso, se singulariza.¹

Esta diferenciação entre signo e palavra é necessária, entretanto não é suficiente. É necessária porque possibilita o entendimento da expressão *língua em funcionamento*, na qual se insere a significação presente na língua; não é suficiente porque se poderia supor que a conversão do

¹A oposição *eu-tu/ele*, apresentada por Benveniste ao estudar as noções *pessoa* e *não-pessoa*, no exercício da língua se anula – *eu-tu-ele* – devido à atribuição de referência por um sujeito que exprime sua atitude e o contexto. Havendo interesse em aprofundar esta afirmação, é indicada a leitura de *Usos de Indefinidos do Português; uma abordagem enunciativa*, constante em *Referências Bibliográficas*, já que este artigo comporta apenas uma inserção de *algo* na teoria estudada.

signo em palavra é automática, bastando para isto que o sujeito promova um agenciamento na língua e dela se aproprie.

O *colocar a língua em funcionamento* materializa-se em um enunciado que, pelas mesmas razões acima expostas, não pode ser visto como um somatório de palavras, pois palavra, aqui, tem estatuto diverso do apresentado por outros estudos os quais a consideram como unidade autônoma, podendo ser extraída do enunciado ou da frase, limite máximo de análise adotado por estas teorias, sem que se descaracterize. Palavra deve ser entendida como *palavra no enunciado*, é somente aí que adquire este caráter.

E o que vem a ser *palavra no enunciado*? Ora, o quadro da enunciação se configura por apresentar locutores e contexto – uma situação enunciativa *da* qual e *na* qual uma idéia é expressa. Para a expressão da idéia, contribuem palavras que, se assim o são, é porque não são apenas significados da língua, mas fruto de influências que passam a exercer entre si, ditadas pela *idéia*. Verifica-se o que Benveniste chama de *um arranjo* de palavras promovido pelo sujeito, expressão da idéia que refere *eu-tu-aqui-agora*. Assim *algo*, portador de um conceito da língua, numa situação de enunciação, comporta *empregos*. Pela *sintagmatização* e pela *semantização* do enunciado, *algo* expressa sentidos relativos a um sujeito que *se diz* e que *diz o contexto discursivo*.

Esta dupla condição da língua – pertencer ao semiótico ou pertencer ao semântico, e pertencer ao semiótico e pertencer ao semântico – traz conseqüências para o estudo de *algo*, especialmente no que tange à classificação que lhe é canonicamente atribuída.

Esta palavra, ao ser atualizada, exprime noção que é de domínio de todos os que a utilizam, garantindo, deste modo, a comunicação. Entretanto, ao se considerar a teoria de Benveniste, admite-se que, na língua em uso, o sujeito configura esta noção à expressão de uma idéia. No uso da língua, a unidade de significação é o enunciado, e é no enunciado que *algo* – um *indefinido*, segundo a tradição gramatical – consta, porém articulado com outras palavras, ou seja, submetido a uma sintaxe que do sentido emana. Disto decorre que a palavra é, também, submetida à enunciação e que é no enunciado, que é a cada vez único, que *algo* pode ser considerado um *indefinido* ou não.

O estudo de *algo*, em uma teoria da enunciação, requer que se examine cada enunciado, procurando-se estabelecer o sentido que o sujeito atribui a esta palavra ao criar referência única, relativa a *eu-tu-aqui-agora*.

ALGUMAS OCORRÊNCIAS DE ALGO²

1. Assustava Hobbes ver duques se armando até os dentes, contratando mercenários, e o perigo que isso representava para a nação da época. Hoje empresas brasileiras e condomínios gastam 1% do PIB em segurança, empresários andam com verdadeiras escoltas. Temos três vezes mais seguranças privados do que policiais, voltamos ao estado de natureza hobbesiano. Se ele estivesse vivo, não hesitaria em declarar que nossos policiais já romperam o contrato social. Diria até que não temos mais governo, algo que muitos brasileiros já suspeitavam (Veja, 10/11/1999, p. 28)

Algo que muitos brasileiros já suspeitavam é um sintagma nominal cujo núcleo é *algo*, sendo o restante uma expressão restritiva. Este sintagma desempenha a função de aposto, e o uso de *algo* se relaciona à forma como o enunciado se organiza, considerando-se os enunciadores.

Diria até que não temos mais governo, algo que muitos brasileiros já suspeitavam apresenta o discurso indireto, se estrutura a partir de um verbo *dicendi*, a proposição principal, e o discurso citado, o complemento do verbo. *Que não temos mais governo* representa o pensamento de Hobbes aplicado à situação atual, no Brasil. O que segue, o que é considerado aposto, já não corresponde a um fato constatado por Hobbes ou decorrente de suas idéias, mas a uma intervenção do locutor, que, a partir do *dito*, acrescenta um comentário seu. *Algo*, assim, é a retomada do discurso citado, e a restrição, que expressa a posição de muitos brasileiros sobre o assunto, é de responsabilidade do locutor.

Algo, neste enunciado, não é um indefinido pois através dele o locutor retoma o discurso de um outro, e esta retomada é possibilitada pela restrição: *que não temos mais governo* corresponde a *que muitos brasileiros já suspeitavam*.

Algo é definido pelo locutor e pelo interlocutor porque tem referência única, expressando, no enunciado, *dizeres*: o da *não-pessoa* – a retomada do dizer –, o da *pessoa* – a retomada do dizer do locutor.

2. Enquanto alguns índios faziam o que muito senador quer e não consegue – meter o dedo na cara do ACM –, outros, portando celulares, instalavam uma bilheteria no acesso do monte Pascoal. Recuperavam o tempo perdido. Afinal, o capitalismo não é selvagem? Noutra ban-

²Constituem *corpus* das análises textos extraídos de jornais e revistas atuais. Destes textos são recortados enunciados cuja extensão é variável pois decorre unicamente das inter-relações que *algo* mantém com outras palavras.

da, os sem-terra prometeram 500 invasões e fizeram algo que muitos com terra não tiveram tempo nem dinheiro para fazer: deslocaram-se de todo o Brasil para Porto Seguro. Devem ser as tais condições do capitalismo (Correio do Povo, 28/4/2000, p. 4).

Algo que muitos com terra não tiveram tempo nem dinheiro para fazer é sintagma formado por núcleo – *algo* – e elemento periférico que expressa restrição. Este sintagma desempenha a função de complemento verbal.

São apresentadas duas proposições:

a) *noutra banda, os sem-terra prometeram 500 invasões;*

b) *e fizeram algo que muitos com terra não tiveram tempo nem dinheiro para fazer: deslocaram-se de todo o Brasil para Porto Seguro.*

Nelas, o sujeito gramatical é *os sem-terra*, entretanto na segunda, por ocasião da restrição a *algo*, outro sujeito gramatical se apresenta: *muitos com terra*. Com relação a estes sujeitos, verifica-se que, sobre *os sem-terra*, informa-se o que eles *fizeram* – *algo* –, e sobre *muitos com terra*, diz-se o que *não fizeram* (também *algo*).

No início do enunciado, em *enquanto alguns índios faziam o que muito senador quer e não consegue – meter o dedo na cara do ACM*, encontram-se semelhanças em relação a estas constatações: sujeito gramatical *alguns índios*, verbo *fazer*; sujeito gramatical *muito senador*, verbos *querer (fazer)* e *conseguir (fazer)*, cujo conteúdo é negado), sendo que o complemento verbal nas duas situações é o mesmo: *meter o dedo na cara do ACM*.

Desta forma, estes fatos organizam-se a partir de agentes diferenciados, a ação é *fazer* (a dos primeiros é afirmada, a dos segundos é negada) e o complemento do verbo é o mesmo em cada um.

Desta organização decorre a restrição a *algo* (processo que não é diferente do apresentado no início do enunciado, porém sem a presença de *indefinido*): serve para incluir agente diferente do apresentado e negar a realização de uma ação dada como realizada pelo primeiro agente – simplificadamente, *sem-terra fizeram/ com terra não fizeram*.

Na proposição, apresentada esta contraposição que se estabelece por meio de *algo*, o que era dado como *indefinido* se define pois um aposto apresenta o que uns fizeram e outros não: *deslocaram-se de todo o Brasil para Porto Seguro*.

O sujeito, nesta enunciação, ao empregar *algo*, o apresenta como um *não-identificado* e desta forma o mantém porque, assim, promove a não-explicitação e, também, a restrição, incluindo os elementos necessários à organização do enunciado: o outro agente, o *não fazer*. O seu dizer se

centra sobre os agentes e suas ações. Este é o sentido que é tomado também pelo interlocutor, e se, no final, o que era até então indefinido se define, é porque o uso de *algo*, um *não-identificado*, já havia promovido o efeito necessário.

3. *Imaginem um país se preparando para o ano 2000 onde o presidente não preside, o ministro não ministra, os banqueiros não bancam (só emprestam para o governo), no qual os economistas não economizam, os empreendedores não empreendem, os auditores não auditam, os contadores não contabilizam, os investidores não investem (só especulam), os guardas não guardam, os zeladores não zelam, os contribuintes não contribuem, os pensadores não pensam, os pesquisadores não pesquisam, os educadores não educam e os estudantes não estudam. A chance de algo dar certo num lugar como esse é simplesmente 0% (Veja, 15/12/1999, p. 20).*

Algo faz parte de um sintagma periférico relativo ao nuclear *chance*. De *algo dar certo num lugar como esse* é um sintagma formado por vários sintagmas cujo papel é complementar o sentido do substantivo-núcleo, porém, para que tal ocorra, já que um *não-identificado* (*algo*) precisa o sentido de um *identificado* (*chance*), ocorrem, entre os sintagmas que constituem *de algo dar certo num lugar como esse*, uma série de articulações que determinam o sentido de *algo*:

a) *dar certo* – em que o sentido se restringe a uma qualificação do resultado a ser obtido, expressa em *simplesmente 0%*;

b) *dar certo num lugar* – em que o sentido se delimita a espaço;

c) *dar certo num lugar como esse* – em que, por meio da comparação, se estabelece um vínculo entre o lugar referido e o lugar anteriormente determinado no enunciado, considerando-se o uso de *esse*, decorrendo desta comparação uma relação de similitude entre tempo e espaço.

Algo tem seu sentido restrito por articulações sintático-semânticas. O locutor apresenta-o com referência a um certo tempo, a um certo espaço, associando-o a um resultado determinado: *dar certo*. *Algo* é parcialmente definido, porque *eu*, bem como espaço e tempo expressos no sintagma e no enunciado determinam em parte seu sentido. O interlocutor atribui a *algo* sentido relacionado a contexto determinado e à qualificação expressa, definindo-o parcialmente.

4. *Difícilmente um índio é notícia ao ingressar numa universidade, ou mesmo ao se formar. Quando o índio faz algo de bom, o que geralmente sai na imprensa é o nome da Funai – Fundação Nacional do Índio.*

(Zero Hora, 20/4/2000, p. 25).

Em *quando o índio faz algo de bom*, *algo* é termo nuclear de um sintagma que exerce a função de complemento verbal. *Algo* é seguido de expressão restritiva, constituída por *de* + adjetivo.

Quando o índio faz algo de bom indica o tempo em que se dá um fato: *o que geralmente sai na imprensa é o nome da Funai – Fundação Nacional do Índio*. Neste consta um advérbio – *geralmente* – que indica uma certa freqüência para a ação do verbo, porém não de forma absoluta.

A afirmação anterior a esta repete a mesma organização sintática, ainda que com pequenas alterações: um fato é apresentado no início, seguido por indicação de tempo (que se desdobra em forma de alternativas), e o advérbio *difficilmente* tem valor de negação, porém esta negação não é absoluta.

Estabelecendo-se relações entre as duas afirmações, verifica-se que:

a) *difficilmente o índio é notícia; o que geralmente sai na imprensa é o nome da Funai – Fundação Nacional do Índio* – estes são os fatos, que são temporalmente concomitantes, um é relativamente negado e o outro é relativamente afirmado, dada a noção de freqüência expressa pelo advérbio;

b) *ao ingressar numa universidade, ou mesmo ao se formar; quando faz algo de bom* – o tempo do fato que é negado, o tempo do fato que é afirmado, tempo que é o mesmo, dada a relação de concomitância entre os fatos, o que possibilita dizer *ingressar numa universidade, ou mesmo se formar* pode ser tomado como *algo de bom*.

Algo é indefinido enquanto palavra que não determina a referência, entretanto, com a presença de locução que adjetiva – *de bom* – tem sua extensão limitada ao que o locutor atribui valor. Assim, *algo de bom* apresenta o locutor implicado na atribuição de referência, definindo *algo*, pois no sintagma há uma restrição de caráter avaliativo, no enunciado há atribuição de valor ao que é referido. O interlocutor, pelas relações de sentido promovidas, toma *algo de bom* como *ingressar numa universidade, ou mesmo se formar*, e define *algo*.

5. *Rui recebia uma média de 2,7 demandas por dia, computando-se aí pedidos de aposentadorias e licenças – e fazia algo em torno de 3,7 favores. Isso significava que praticava caridade com o chapéu do Estado mesmo quando não era solicitado* (Veja, 6/9/2000, p. 154).

Algo é o núcleo do sintagma *algo em torno de 3,7 favores*, que exerce a função de complemento verbal. É seguido por *em torno de 3,7*

favores que visa à restrição de seu sentido.

A expressão restritiva é formada por um identificado – *favores* – e por uma expressão que lhe confere quantificação. Isoladamente, *em torno de 3,7 favores* não indica precisão, pois a quantidade é variável, podendo coincidir com o valor que é expresso pelo numeral, ficar aquém ou além dele, desde que mantida uma proximidade. Entretanto, esta expressão, ao articular-se com *algo*, apresenta seus componentes exercendo relação semântica diversa da que desempenham entre si.

Favores atribui referência a *algo*, não uma “coisa” qualquer, mas pertencente ao conjunto *favores*. *Em torno de 3,7* promove um recorte neste conjunto, já não o conjunto inteiro, mas um valor igual ou próximo a 3,7.

Resumidamente, verificam-se as seguintes relações:

a) *em torno de 3,7* determina *favores*, porém não o precisa quantitativamente;

b) *em torno de 3,7 favores*, apesar da imprecisão relativa à quantidade, restringe o sentido de *algo*, reduzindo a referência a um subconjunto.

A restrição a *algo*, deste modo, permite ao sujeito a atribuição de referência: trata-se de elemento que tem como característica oscilação relativa à quantidade.

O locutor define *algo* pois lhe atribui referência, *algo* corresponde a *em torno de 3,7 favores*, todavia não define a expressão *algo em torno de 3,7 favores* porque não indica com exatidão a quantidade de *favores*. Para o interlocutor *algo* é definido, porém não expressa precisão.

6 *Isso prova que, aqui como na Babilônia, a loteria é vista como algo que tem parte com o sagrado* (Veja, 13/10/1999, p. 154).

O sintagma em que *algo* se apresenta, visa à qualificação de *a loteria*. É formado por um nuclear – *algo* – e por um periférico, que é um restritivo.

Como o sintagma qualifica o sujeito gramatical, ao caráter não específico de *algo* se junta uma restrição, cuja finalidade é a atualização de seu sentido: *algo* pertence ao conjunto das “coisas” que têm parte com o sagrado. Assim, a predicação de *a loteria* decorre da relação que se estabelece entre *algo* e o restritivo.

O sujeito, apesar disto, não precisa o entendimento que é tido de *a loteria*, atribuindo-lhe a indefinição expressa por *algo* pois, mesmo determinando o conjunto ao qual pertence – *o que tem parte com o sagrado* –, não expressa uma propriedade, já que *ter parte com* ou *relacionar-se com* indica apenas uma analogia entre *algo* e *sagrado*. O não-específico tem relação com o específico, porém não o é, não assumindo, assim, determinação.

O processo de predicação de *a loteria*, por outro lado, é semelhante ao que ocorre no sintagma-predicativo. *A loteria é vista como*, ou

seja, sobre ela há *consideração* e não *atribuição*. Para a *loteria* também não é apresentada uma propriedade, não é dito ela *ser algo*, mas *ser tomada como algo*.

Algo é indefinido, tanto para o locutor como para o interlocutor, apesar da restrição. O que é apresentado como restritivo não é suficiente para atribuir-lhe referência, apenas aponta uma relação entre um *não-identificado* e um *identificado*.

CONSIDERAÇÕES

As análises revelam que *algo*, tradicionalmente conhecido como *indefinido*, assim não é sempre apresentado na língua em uso: em (1) é *definido*, assim como em (4) e em (5); em (2) é *indefinido* até que promova o efeito desejado, *definindo-se* após; em (3) é *parcialmente definido*; em (6) expressa *indefinição*.

Apesar disto, em todas as ocorrências analisadas, esta palavra apresenta o significado que lhe é atribuído pela teoria gramatical: *uma coisa qualquer*. Este é o conceito que traz da língua. Pinçada esta palavra do enunciado – a expressão de uma idéia – tal como o faz a teoria gramatical, a referência torna-se inexistente, e *algo* indica apenas *noção geral*. Em cada enunciado, esta significação mantém-se, ainda que parcialmente, agregando-se a ela um sentido próprio à situação de enunciação. *Algo*, assim, expressa sentidos.

Significação da Língua		Uso - Expressão de Sentidos	
1	uma coisa qualquer	definição	retomada do discurso citado e retomada do discurso do locutor
2	uma coisa qualquer	indefinição	promoção de não-explicação e inclusão de elementos necessários à organização do enunciado
		definição	esclarecimento por meio de relação estabelecida com expressão apresentada pelo enunciado
3	uma coisa qualquer	definição parcial	determinação parcial de sentido, promovida pelo locutor e por espaço e tempo expressos no sintagma e no enunciado
4	uma coisa qualquer	definição	atribuição de valor ao que é referido pelo locutor
5	uma coisa qualquer	definição	atribuição de referência porém sem precisão relativa a numérico
6	uma coisa qualquer	indefinição	a referência é <i>considerada</i> , não é, pois, <i>atribuída</i>

Quadro 1: A Língua em Uso: Significação e Sentidos - **Fig. 1**

Cada enunciado expressa uma idéia, e as palavras que o compõem são organizadas de maneira que passem a referir esta idéia. Dito de outro modo, não há organização sintática que seja determinante deste ou daquele sentido. O fato de *algo* ser núcleo do sintagma no qual consta, por exemplo, não é garantia de indicação de definição ou de indefinição, como bem as análises comprovam. O mesmo ocorre em relação à presença de um restritivo, cujo papel atribuído pelos estudos gramaticais é a determinação de sentido. Também o sentido da palavra em estudo não fica adstrito ao sintagma que a contém: seu sentido, em alguns enunciados, decorre de inter-relações que estabelece com outras palavras, ultrapassando o sintagma. Em (1), isto está bem evidente pois, além de propiciar retomada, ainda promove a inclusão de sentido outro, diverso do que a retomada representa, em consequência de *troca de influências* com outras palavras constantes no enunciado. No uso da língua, portanto, é o sentido que determina a sintaxe.

	<i>Definição/Indefinição</i>	<i>Nuclear/Periférico</i>	<i>Restrição-Ausência/Presença</i>
1	definição	nuclear	a restrição promove a retomada do discurso do outro
2	indefinição	nuclear	restrição promove inclusão de sentidos
	definição		efeitos de sentidos já provocados
3	definição parcial	periférico	restrição
4	definição	nuclear	restrição
5	definição	nuclear	restrição
6	indefinição	nuclear	restrição

Quadro 2: Sentidos – Ausência de Relação com Noções Clássicas - *Fig. 2*

Cada enunciação é única, referência a uma situação singular que reflete o sujeito e o contexto; assim, cada enunciado, o produto desta unidade, é não-repetível, não é suscetível à paráfrase, e cada palavra que o compõe, também tem um sentido, resultante de influências que promove e que sofre de outras palavras, palavras que compartilham significação que têm na língua – a possibilidade de *reconhecimento* – e que, desta forma, constituem um sentido próprio e sempre novo – a *interpretação*, um dizer relativo a *eu, tu e aqui-agora*.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. Os níveis da análise lingüística. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- _____. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da lingüística. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Demonstrativo, anáfora e pressuposição. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 11, p. 157-80, jan.-jun. 1995.
- DUCROT, Oswald. Os Indefinidos e a Enunciação. In: _____. *Provar e Dizer: leis lógicas e argumentativas*. São Paulo: Global, 1981.
- LAHUD, Michel. *A Propósito da Noção de Déixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LICHTENBERG, Sônia. *Uso de Indefinidos do Português: uma abordagem enunciativa*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- _____. Usos de Todo: uma abordagem enunciativa. *Letras de Hoje*, Estudos sobre Enunciação: texto e discurso, Porto Alegre, v. 36, n. 126, p. 147-81, dez. 2001.
- MARTINS, Eleni. *Enunciação e Diálogo*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- NORMAND, Claudine. Emile Benveniste: quelle sémantique? *LINX*, Du dire et du discours, Hommage à Denise Maldidier. Paris, n.8, p. 221-38, 1996.
- _____. Os Termos da Enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L., PARLATO, E.M., RABELLO, S (org.). *O Falar da Linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise do Discurso e Psicanálise*: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.